XXV. O NÚMERO DA BESTA

Ainda nos resta perguntar a nós mesmos uma última questão. "O número da besta", declara São João na Apocalipse, é 666. Por que esse número e qual é sua significância? Aqui está o texto básico:

> "*É aqui a sabedoria. Que aquele que tem inteligência conte o número da besta; pois é um número de homem e esse número é seiscentos e sessenta e seis*" (Apoc. XIII, 18).

Qual é o problema? O Escritor sagrado enuncia o número da besta e nos convida a interpretá-lo. É isso que tentaremos fazer, deixando-nos guiar por tudo o que já foi escrito sobre esse assunto.

A ideia que imediatamente vem à mente é procurar a interpretação do número da besta utilizando os valores numéricos das letras do alfabeto hebraico. Para isso, é necessário reunir os mots cujo valor numérico das letras chega a um total de 666. Então, resta apenas escolher, entre os mots hebraicos assim reunidos, aqueles cujo significado pode mais razoavelmente se relacionar à Besta como ela é descrita na Apocalipse. Portanto, estamos reduzidos a um problema de cálculo quase mecânico. Essa metodologia é a correta? Não parece ser, pois o texto de São João nos aconselha a fazer prova de sabedoria e inteligência.

É aqui a sabedoria, dizem-nos: para entender o significado do número da besta, primeiro é preciso ter sabedoria. O que é a sabedoria? É o gosto pelos princípios. Portanto, nesta matéria, deve-se evitar as complicações da ciência profana e manter-se aos grandes princípios da sabedoria divina, tanto quanto os conhecemos.

São João também nos pede para fazer prova de inteligência. E a característica da inteligência, no sentido religioso desse termo, é a de distinguir. E a distinção fundamental é a do bem e do mal. Precisamente, vamos ver que aqui teremos que conviver com a fronteira entre o bem e o mal. É por isso que precisaremos de inteligência.

O Escritor sagrado nos coloca na senda certa ao dizer que 666 é "um número de homem". De fato, poderíamos esperar que a besta fosse mais adequada com "um número de anjo", já que o demônio é um espírito. Portanto, estamos sendo avisados de que não é o caso. É nos números que concernem ao homem que devemos procurar.

São Bento o Venerável e Santo Alberto Magno acreditavam que esse "número de homem" se referia ao sexto dia da Criação, no qual Adão foi formado da areia da terra. Vamos tentar entender o mecanismo dessa significância. Após a formação do homem, Deus declara que tudo o que Ele fez é bom:

>

> "*E Deus viu tudo o que Ele havia feito, e eis, isso era muito bom*" (Gênesis I, 31).

Estamos na extremidade do sexto dia. Fazemos uma primeira observação: o número seis não designa, portanto, originariamente uma coisa má, pelo contrário, pois Adão, constituído mestre da terra, é a mais bela obra do Criador. Concorda-se até em pensar que o número seis simboliza a perfeição das coisas terrestres. Ele constitui "a marca" de Adão, pois é o número de sua origem. O homem é fundamentalmente "a criatura do sexto dia".

O número seis contém uma perfeição natural, mas ainda lhe falta a santificação que o número sete traz imediatamente após. É o sétimo dia que é santificado:

> "*E Deus abençoou o sétimo dia e Ele o santificou*" (Gênesis II, 3).

O número sete é o da natureza santificada. É o número do Sábado e, portanto, não se adequava para designar o demônio, que havia precisamente recusado a santificação.

No sétimo dia, o homem já possui uma religião, enquanto o sexto dia era o da Criação sem sábado, sem religião, privado de santificação, reduzido às forças e aos ritmos da natureza sozinha. É portanto bem "o seis" que está mais em harmonia com o naturalismo dos anjos caídos, que só acreditam em suas próprias forças, como já observamos acima.

Agora compreendemos por que é o número seis que está na base do "número de homem" escolhido para marcar a besta. Mas o que não compreendemos é que esse número, bom na origem, agora designa uma besta má. Portanto, houve, a um certo momento, um inversão de significado do seis.

Este inversão foi operado pela revolta de Lúcifer. É precisamente essa revolta que transformou em mau o que era bom e que colocou acima o que deveria ter permanecido abaixo. Esta inversão da ordem primitiva sofreu a maldição divina. Deus amaldiçoou o que Ele acabara de abençoar. E a maldição de Deus contra Satanás foi reiterada três vezes: daí o número de três dígitos que simboliza essa maldição, 666.

A primeira maldição é aquela que expulsou Lúcifer do Céu por não ter querido se inclinar diante do Homem-Deus. Ela corresponde ao número seis ocupando o lugar das unidades.

A segunda maldição é aquela que Deus pronunciou contra a serpente:

> "*Porque tu fizeste isso, és amaldiçoado entre todas as bestas dos campos*" (Gênesis III, 14).

O adversário quis envolver o homem na sua guerra. A segunda maldição corresponde ao número seis ocupando o lugar das dezenas, pois há uma agravamento da maldade, e portanto do castigo.

A terceira maldição é aquela que Deus pronunciará no momento da morte do Anticristo para punilo por se ter equiparado ao Filho do Homem. Ela corresponde ao lugar das centenas, pois há um novo agravamento na audácia.

Seiscentos e sessenta e seis resume a tripla maldição que é o justo salário da revolta de Lúcifer contra o Verbo Encarnado, princípio e fim da criação. Não é um "número de anjo"; é um "número de homem" (*numerus hominis*). Ele reitera três vezes o número de Adão, que é a obra do sexto dia. Aquela que fez Adão cair é punido sob o número de Adão.

Se nos restringirmos à letra do texto apocalíptico, o número 666 é propriamente o da besta. Mas é costume considerar esse número também pertencente ao Anticristo, pois esse personagem recapitulativo sintetiza a besta de qual ele é a cabeça.

Revision #1
Created 24 June 2024 02:22:16 by Admin
Updated 24 June 2024 02:22:57 by Admin